

## Nota Conceitual: RefugiArte

### Contexto

Até o final de 2019, o número de pessoas forçadas a se deslocar em todo o mundo chegou a 79,5 milhões, o maior número já registrado pelo ACNUR. Na última década, pelo menos 100 milhões de pessoas foram forçadas a abandonar suas casas em busca de proteção dentro ou fora de seus países. O deslocamento forçado quase dobrou desde 2010 (41 milhões na época versus 79,5 milhões atualmente).

Nos últimos anos, o continente americano experimentou uma dinâmica complexa e um deslocamento crescente, particularmente com um aumento no número de pessoas fugindo do Norte da América Central, Nicarágua e Venezuela, e outros que se deslocaram internamente em Honduras, El Salvador e Colômbia.

O **êxodo de venezuelanos** é a maior crise de deslocamento transfronteiriço da história recente da América Latina e uma das maiores do mundo, só superada em magnitude pela crise na Síria. Dos 5,2 milhões de refugiados e migrantes da Venezuela deslocados em todo o mundo, cerca de 4,3 milhões estão na América Latina e no Caribe, sendo que a maioria não têm perspectivas de retorno possível a curto e médio prazo. Países e comunidades anfitriãs na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Panamá, Peru e sul do Caribe os receberam generosamente, mas esse fluxo sem precedentes colocou uma enorme pressão sobre os governos e comunidades anfitriãs.

No **Norte da América Central**, centenas de milhares de cidadãos vivem sob constante terror em suas comunidades, à mercê de grupos e gangues que intimidam, extorquem, roubam, ameaçam e assassinam sem limites. Isso, somado a uma situação de falta de proteção por instituições frágeis e altos níveis de pobreza e desigualdade, tem levado pessoas a tomarem a difícil decisão entre viver sob a tutela desses grupos criminosos, arriscar suas vidas ao se opor a eles ou fugir. Esse terror diário levou cerca de 790 mil pessoas a fugir e buscar proteção em outras comunidades dentro de seus países, como pessoas internamente deslocadas ou cruzando fronteiras internacionais em busca de refúgio.

Protestos massivos na **Nicarágua em 2018** deram visibilidade a uma crise sociopolítica que continua dois anos depois. Esses protestos incluíram idosos, estudantes e vários outros setores da população nicaraguense. A resposta repressiva do Estado não cedeu e, dois anos após a eclosão da crise, mais de 100 mil pessoas foram obrigadas a fugir da perseguição e das violações dos direitos humanos denunciadas no país, principalmente para a Costa Rica. Apesar de a primeira onda de violência ter passado, a situação de perseguição continua e uma média de 4 mil pessoas fogem mensalmente. Sem uma solução visível para a crise no curto prazo, o número deve continuar aumentando.

Por outro lado, diferentes circunstâncias obrigaram milhões de pessoas nas Américas a **se deslocarem dentro do próprio país**. O conflito armado já afetou 8,9 milhões de pessoas na Colômbia, dos quais 8 milhões tiveram se deslocar dentro das fronteiras do país. Este número é cumulativo e inclui dados desde 1985. Desde a assinatura do Acordo de Paz em dezembro de 2016, mais de 400 mil novos deslocados internos

foram registrados. Em 2020 (de janeiro a maio), ocorreram 43 emergências por deslocamento em massa, afetando mais de 13 mil pessoas. Os atos de confinamento deixam mais de 30 mil vítimas. A violência brutal de grupos armados e gangues no norte da América Central deixou quase 320 mil vítimas do deslocamento interno, incluindo 247 mil em Honduras (entre 2004 e 2018) e 71,5 mil em El Salvador (entre 2006 e 2016). Com grupos criminosos mantendo o controle sobre comunidades inteiras, milhares mais estão em risco de deslocamento nesses dois países.

## Principais perfis

A seguir, iremos detalhar os perfis das pessoas que fogem da Venezuela, norte da América Central e Nicarágua, destacando as especificidades de cada situação:

A maioria dos refugiados e migrantes da **Venezuela** que chegam aos países vizinhos são famílias com crianças, mulheres grávidas, idosos e pessoas com deficiência. É cada vez maior o número de famílias que chegam com recursos cada vez mais escassos e precisam imediatamente de documentação, proteção, abrigo, alimentos e medicamentos. Centenas de milhares de venezuelanos estão em países anfitriões sem qualquer documentação ou permissão para permanecer lá regularmente e, portanto, não têm acesso formal a direitos e serviços básicos como saúde, educação ou emprego. Isso os torna particularmente vulneráveis à exploração laboral e sexual, tráfico de pessoas, violência, discriminação e xenofobia. No entanto, muitos dos venezuelanos deslocados são profissionais que puderam contribuir com seu conhecimento e experiência nos países que os acolheram. Isso tem sido particularmente importante na pandemia, uma vez que os profissionais de saúde têm contribuído para luta contra a COVID-19.

No **norte da América Central**, crianças, adolescentes e jovens são particularmente vulneráveis. Eles procuram recrutar homens como membros de suas gangues, tentam transformar mulheres em escravas sexuais. Famílias, especialmente com crianças e jovens, também são visadas. Quando uma criança ou jovem está em risco, seus familiares costumam ser ameaçados ou mortos como medida de pressão. Para evitar o recrutamento para uma organização criminosa, famílias inteiras fogem – dentro do próprio país ou cruzando fronteiras internacionais - para salvar a vida de um ou mais membros. Além desses perfis, as pessoas LGBTI enfrentam de forma recorrente discriminação, perseguição e violência, da mesma forma que mulheres e homens trans são alvos de grupos armados e gangues. Transportadores e proprietários de pequenos negócios são alvo de extorsão por grupos armados e gangues como forma de "garantir proteção". O não pagamento pode significar morte. Esses perfis têm visto os riscos exacerbados durante a COVID-19, estando confinados e com possibilidades limitadas de fugir para se proteger.

Na **Nicarágua**, os estudantes universitários desempenharam um papel de liderança nas manifestações, o que os colocou no centro da repressão. Muitos encontraram dificuldades para retomar seus estudos no exílio devido à falta de currículo e histórico escolar. Jornalistas que tentaram cobrir os eventos e que poderiam ser vistos como críticos das políticas do governo foram intimidados e forçados a fugir se não se alinharem com o governo. Além disso, os defensores dos direitos humanos recebem ameaças explícitas em represália por terem representado os manifestantes detidos. Eles são regularmente submetidos a tortura e violência sexual. Médicos em hospitais

públicos foram proibidos de tratar qualquer pessoa suspeita de ter se ferido durante os protestos. Prestar serviços médicos significava sofrer retaliação. Agricultores foram alvo de protestos contra os planos de construção de um canal interoceânico em suas terras.

Na **Colômbia**, os deslocados internos são principalmente mulheres camponesas, afrodescendentes e indígenas. Famílias inteiras tiveram que fugir de suas casas ou foram confinadas em seus próprios territórios por causa do confronto entre grupos armados ilegais e as lutas pelo controle do território em um cenário de pós-acordo de paz. O conflito armado se manifesta com força especial em algumas regiões do país, em particular nos departamentos da Costa do Pacífico, Antioquia e Norte de Santander, na fronteira com a Venezuela. 58% das pessoas afetadas pelo deslocamento em massa em 2020 são comunidades afro-colombianas para as quais a demarcação de seu território também tem fortes implicações para sua visão de mundo; 21% dos afetados são indígenas que também veem sua sobrevivência cultural ameaçada em meio ao deslocamento. Muitas das vítimas de deslocamento também sofreram ciclos de violências. O clima de medo e tensão nos territórios é mais presente quando, além disso, lideranças de defesa de direitos são alvos de ataques diretos: centenas de defensores dos direitos humanos e líderes de organizações comunitárias e étnico-territoriais foram assassinados.

### Travessias, desafios nas rotas e meios de deslocamento

Centenas de milhares de **refugiados e migrantes venezuelanos** deixaram seu país apenas com o que caberia em uma mochila. O caminho para a segurança geralmente inclui cruzar áreas montanhosas e caminhar por semanas para começar uma nova vida com segurança. Eles viajam centenas de quilômetros pela Colômbia, Equador, Peru, Chile, indo desde as altas temperaturas em áreas próximas ao nível do mar até altitudes de mais de 3 mil metros onde os termômetros marcam abaixo de zero. Às vezes, enfraquecidos pela fome, refugiados e migrantes venezuelanos pularam em carros e caminhões na esperança de andar mais rápido e aliviar o cansaço, expondo-se a grandes riscos.

Em 2019, novos requisitos de entrada foram introduzidos em vários países da região para refugiados e migrantes da Venezuela, muitos dos quais são muito difíceis para a população venezuelana devido à falta de documentação. Muitas famílias viram a única opção de continuar sua jornada por rotas irregulares, expondo-se às redes de tráfico e grupos armados irregulares.

Embora o fenômeno das caravanas na **América Central e no México** fosse muito visível em 2018 e 2019, a realidade é que a grande maioria das pessoas no norte da América Central foge silenciosamente, em pequenos grupos e através de pontos cegos. Além dos riscos físicos das longas viagens a pé ou de ônibus, as pessoas que fogem estão expostas à extorsão, violência sexual, violência física e roubo, ou mesmo à detenção, inclusive quando dão entrada no processo de solicitação da condição de refugiado. Esses movimentos através das fronteiras internacionais geralmente ocorrem após vários movimentos dentro do próprio país. Dada à continuidade da violência e da perseguição e dos ataques sistemáticos, eles não veem outra opção a não ser deixar o país para solicitar asilo.

A deterioração da situação na **Nicarágua** e o sentimento generalizado de medo fazem com que os nicaraguenses tenham que fugir em silêncio e em pequenos grupos, muitas vezes em grupos familiares de não mais de três pessoas. Isso obrigou algumas famílias a se separarem ao longo do caminho, esperando que alguns de seus membros se estabelecessem no país de refúgio, enquanto outros aguardam notícias escondidas na Nicarágua antes de viajar.

Para evitar o encontro com as autoridades fronteiriças da Nicarágua, muitas vezes as pessoas fogem à noite, com pouca ou nenhuma bagagem e sem certeza se conseguirão sair do país sem serem detectadas. Eles caminham pelos campos e plantações e muitas vezes têm que dormir ao ar livre. Eles não têm acesso a água ou comida. Por outro lado, às vezes eles se escondem dentro de caminhões ou se arriscam a andar de ônibus públicos pelas fronteiras terrestres do país. Alguns conseguem comprar passagens aéreas, mas para muitos essa opção não é viável quando têm mandados de prisão contra eles.

### Histórias que ilustram a situação

#### **“Não é todo mundo que tem a oportunidade de recomeçar a sua vida”**

Carlos e sua família deixaram a Venezuela em busca de uma vida em segurança.

“Fiquei com muito medo e decidi ir para a casa dos meus pais. Depois começaram as ligações, eles faziam ameaças, ameaçaram matar meu pai, minha mãe, falavam detalhes do dia a dia deles. Fiquei com muito medo”, diz Carlos. Hoje, eles estão reconstruindo suas vidas e sonhos no Brasil.

<https://www.acnur.org/portugues/2019/08/02/nao-e-todo-mundo-que-tem-a-oportunidade-de-recomecar-a-sua-vida/>

#### **“Consideramos que vivemos um milagre todos os dias”**

“Conseguimos caronas de Boa Vista até aqui. Saímos de lá porque perdemos tudo o que tínhamos”, disse Francisco. “Uma noite, depois de tentarmos ganhar dinheiro vendendo chiclete na rua, voltamos para a barraca e vimos que a porta estava escancarada: tinham levado tudo o que tínhamos. Roupas a gente consegue comprar de novo. Mas, nossos documentos, não. Nossas identidades venezuelanas, meu diploma de engenharia, meus antecedentes criminais da Venezuela e do Brasil... O pré-natal dela, o certificado de ingresso na faculdade de medicina... tudo”, lembra o jovem, inconsolado.

<https://www.acnur.org/portugues/2019/05/22/consideramos-que-vivemos-um-milagre-todos-os-dias/>

#### **Mulher trans desafia o perigo liderando a luta pelos direitos LGBTI em El Salvador**

A jovem salvadorenha Bianka Rodríguez está ajudando a comunidade trans, uma das mais marginalizadas do país centro-americano, a defender seus direitos fundamentais. Gangues violentas controlam grandes áreas de território em El Salvador, então as pessoas trans geralmente têm poucas opções, como ter que fugir de suas casas e comunidades.

<https://www.acnur.org/noticias/historia/2019/9/5d814b414/mujer-trans-desafia-el-peligro-al-liderar-lalucha-por-los-derechos-lgbti.html>

#### **“O que determina quem eu sou é minha vontade de continuar lutando”**



Discriminação, fome, medo e violência: conheça a jornada dramática de refugiado LGBTI venezuelano em busca de segurança no Brasil

<https://www.acnur.org/portugues/2020/06/24/o-que-determina-quem-eu-sou-e-minha-vontade-de-continuar-lutando/>

### **Caminhando para a segurança, os venezuelanos escalam montanhas**

Enfraquecidos pela fome, centenas de refugiados e migrantes venezuelanos cruzam diariamente os altos Andes em busca de segurança na Colômbia e em outros países da região. Eles caminham sem parar, na esperança de se reunir com amigos ou familiares já estabelecidos no exterior, conseguir empregos que lhes permitam enviar remessas para as casas que deixaram para trás ou encontrar segurança, estabilidade e liberdade.

<https://www.acnur.org/noticias/historia/2019/9/5d71324d4/caminando-hacia-la-seguridad-venezolanosescalan-montanas.html>

### **Mulheres grávidas fogem da falta de atendimento médico na Venezuela**

Milhares de mulheres grávidas deixaram a Venezuela para proteger a vida de seus filhos que ainda não nasceram. Nos últimos anos, os hospitais da Venezuela têm lutado com a falta de suprimentos e pessoal, bem como com constantes quedas de energia.

<https://www.acnur.org/noticias/historia/2019/7/5d374bcb4/mujeres-embarazadas-huyen-de-la-falta-de-atencion-medica-en-venezuela.html>

### **Um médico venezuelano explica às pessoas mais vulneráveis do Equador como se defender do COVID-19**

No início de março, antes de a COVID-19 ser declarada pandemia, Samuel Suárez já estava aconselhando equatorianos em situação de risco em áreas rurais sobre como prevenir a infecção e salvar suas vidas.

<https://www.acnur.org/noticias/historia/2020/4/5e849b374/un-medico-venezolano-explica-a-las-personasmas-vulnerables-en-ecuador.html>

### **Com amor da América Central**

‘Con Amor, da América Central’ é uma série de cartas escritas por oito refugiados, requerentes de asilo e pessoas deslocadas internamente que estão a reconstruir a sua vida na região, muitas vezes em locais longe de casa, para onde devem seguir com a vida sem estar visível para permanecer vivo e seguro.

<https://www.acnur.org/con-amor-desde-centroamerica.html>

### **Protegendo super-heróis em Honduras**

Para meninos e meninas, esta escola em Tegucigalpa é talvez um dos poucos lugares onde eles podem se sentir seguros e onde podem ser apenas crianças. Criar esses espaços seguros não é uma tarefa fácil em contextos em que maras e gangues buscam exercer o controle social e territorial, enquanto o impacto é sentido pelos mais vulneráveis.

<https://www.acnur.org/noticias/noticia/2018/12/5c1d8ebf4/protegiendo-superheroes-en-honduras.html>

### **Profissionais da Nicarágua buscam segurança na Costa Rica**

Médicos, advogados, professores e outros profissionais nicaraguenses, obrigados a deixar seu país para exercer sua profissão.

<https://www.acnur.org/noticias/historia/2019/9/5d7a5d9d4/profesionales-nicaraguenses-buscan-la-seguridad-en-costa-rica.html>

**Os nicaragüenses fazem de uma fábrica abandonada da Costa Rica sua casa**

Banidos pela perseguição, dezenas de jornalistas, professores, trabalhadores e contadores nicaraguenses agora alugam uma velha fábrica de estanho em San José como refúgio.

<https://www.acnur.org/noticias/historia/2019/10/5da88a1f4/nicaraguenses-hacen-de-una-fabricacostarricense-abandonada-su-hogar.html?query=nicaragua>